

Entre o conceito e a metáfora: a resiliência como abordagem do humano a partir da física dos materiais

Between concept and the metaphor: resilience as an approach of human beings from the physics of materials

Thaís Seltzer Goldstein*

327

Artigo de Revisão • Review Paper
O Mundo da Saúde, São Paulo · 2012;36(2):327-331

Resumo

O presente artigo parte de uma memória pessoal, para em seguida apresentar a origem do conceito de resiliência e discutir as implicações de sua transposição do campo da Física dos materiais para o das Ciências Humanas. Propõe-se uma aproximação do conceito de resiliência ao de ação social proposto por Hannah Arendt, tendo em vista as problemáticas do mundo contemporâneo e o compromisso ético da Psicologia no tocante à promoção de resiliências orientadas não apenas para transformações subjetivas, mas também sociais.

Palavras-chave: Resiliência Psicológica. Ciências Humanas. Política Social.

Abstract

The present article stems from a personal memory and then presents the origin of the concept of resilience and discusses the implications of its transposition from the field of the Physics of materials to the one of Human Sciences. We propose an analogy between the concept of resilience and the one of social action as presented by Hannah Arendt, in view of contemporary world problem and the ethical commitment of Psychology as regards the promotion of resilience guided not only by subjective transformations but also by social ones.

Keywords: Resilience, Psychological. Humanities. Public Policy.

* Psicóloga. Mestre em Antropologia. Doutoranda do Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Docente do Centro Universitário São Camilo, São Paulo.

PREÂMBULO CURIOSO

A primeira vez que tomei contato com o termo “resiliência” foi em 2010, durante uma prova promovida pelo Conselho Federal de Psicologia, parte dos pré-requisitos para se pleitear o título de especialista em Psicologia Clínica. Tratava-se de uma questão aberta: “Defina o que é resiliência e dê exemplos”.

Curioso que, mesmo atuando há mais de uma década na área da Psicologia Clínica e Social, em diversas instituições e junto a equipes multiprofissionais e apesar de participar de grupos de estudo e seminários clínicos de formação continuada, isso foi insuficiente para que eu soubesse do que se tratava. Ora, o termo não era empregado nas leituras que fazia, nem nas reuniões clínicas das quais participava. Supus, então, que poderia ser um conceito utilizado em alguma linha teórica diferente da que eu seguia, e, nesse caso, a questão deveria especificar a origem do termo ou citar o campo epistemológico no qual era empregado. Mas isso não ocorria.

Assim, decidi que, ao invés de arriscar ou mesmo deixar a resposta em branco, valia a pena responder com sinceridade, assumindo que, apesar da experiência que tinha no campo da clínica, nunca havia ouvido falar sobre resiliência. Acrescentei que, caso tivesse ouvido, certamente teria buscado compreender o que era. Por fim, problematizei o sentido daquela questão, indagando à banca examinadora se a posse de tal informação era realmente algo imprescindível ao exercício profissional de um psicólogo clínico, independentemente de seu referencial teórico, já que o título era destinado aos profissionais das mais diversas abordagens.

Ao sair da prova, perguntei a um amigo, também psicólogo, se ele sabia do que se tratava. Para minha surpresa, ele sabia e em poucas palavras respondeu: “*Sabe aquele travesseiro da NASA, que quando a gente aperta ele afunda, e depois volta à forma normal? Então, resiliência é isso!*” Nesse momento, entendi que a metáfora era potente para explicar algo do potencial humano de reação e superação, quando se está diante de uma situação de (o)pressão. E ainda que eu não fizesse ideia, meu trabalho clínico tinha a bendita “resiliência” como um horizonte.

Não sei se a resposta que dei foi considerada válida ou fez diferença para que eu viesse a alcançar a nota suficiente para obter o título, mas é fato que hoje, ao lembrar esse episódio, penso que o gesto de responder a questão, fazendo uma reflexão em meio ao nervosismo e à minha ignorância, foi uma atitude resiliente.

A ORIGEM DO CONCEITO E AS IMPLICAÇÕES DE SUA TRANSDIÇÃO AO TERRITÓRIO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Um dos precursores da ideia de resiliência foi o cientista inglês Thomas Yang, que, em 1807, propôs o conceito de “módulo de elasticidade”, após realizar experimentos com tensão e compressão de barras.

Em latim, *resilio* significa retornar a um estado anterior. Na Física, o termo descreve a capacidade de um corpo físico de voltar ao normal, após ter sofrido pressão sobre si. Trata-se de uma energia de deformação máxima que um corpo é capaz de armazenar, sem sofrer deformações permanentes; em outras palavras, diz respeito à capacidade de um corpo absorver energia sem sofrer transformação plástica irreversível. Como base para os cálculos, utiliza-se o índice de tensão e de deformação específica dos materiais, os quais possuem diferentes módulos de resiliência¹.

Cabe observar que a transposição da ideia de resiliência do mundo das coisas físicas para o mundo humano requer mediações e cuidados, bem como algumas indagações. Por exemplo: será possível ao ser humano “voltar a ser o que era”, após sofrer uma grande pressão? E, se isso for possível, ou seja, se o ser humano não se transformar verdadeiramente frente a uma adversidade, será isso saudável? Pretendo, neste artigo, levantar algumas discussões a respeito.

Primeiramente, há que se notar que o termo possui uma eficácia simbólica ligada à possibilidade de descrever, em uma única palavra, um movimento de reação, quando o contexto for desfavorável; ou seja, ele alude à plasticidade humana diante de situações adversas, como os sofrimentos agudos ou crônicos.

Ora, não são poucos os exemplos literários, cinematográficos, culturais, políticos, artísticos e biográficos que ilustram situações adversas como

francas oportunidades que se abrem aos sujeitos para que desenvolvam a inteligência, a criatividade, a paciência, a solidariedade, o humor, a destreza, a imaginação, etc. Um melhor devir para as situações ruins assim se constrói na vida humana; do mesmo modo, assim se concretizam potencialidades subjetivas que estavam latentes. Afinal, o que seria dos heróis se não enfrentassem adversidades em suas trajetórias? Simplesmente não seriam heróis.

Disse certa vez Rubem Alves: “ostra feliz não faz pérolas”. Ora, resgatar a dimensão fertilizadora do sofrimento (para si mesmo e para o entorno) é algo essencial para que se compreenda algo da condição humana e dos enfrentamentos possíveis, sobretudo nesses nossos tempos em que, de diversas maneiras, a experiência do sofrimento vem sendo despojada de qualquer dignidade: sofrer virou sinônimo de deprimir; e se sofrimento tende a ser visto como doença, ele nada tem a ensinar, devendo ser debelado, em geral, por meio de substâncias químicas.

Nos últimos trinta anos, tem havido um deslocamento das categorias nosográficas (de descrição das doenças) para o terreno dos dados. Não se questiona o que quer dizer este ponto, esta palavra ou este gesto fora do lugar. (...) É assim que os problemas deixam de ser problemas para serem transtorno. É uma transformação epistemológica importante, e não uma mera transformação terminológica. Um problema é algo para ser decifrado, interpretado, resolvido; um transtorno é algo a ser eliminado, suprimido porque molesta. Os nomes das categorias não são inocentes².

Diferentemente dos materiais, quando o ser humano enfrenta um problema, nesse enfrentamento ele põe em ação seus recursos subjetivos, de modo que se operam transformações. Desaparecendo ou não a dificuldade, ele jamais volta a um estado anterior. Contudo, se o problema é concebido como algo totalmente alheio ao sujeito, ou seja, algo cujo enfrentamento prescinde de sua participação, é provável que a transformação subjetiva seja mais sutil ou sequer aconteça. Por isso, há que se evitar a confusão entre o desapa-

recimento do incômodo no plano visível – por exemplo, por meio de intervenções externas paliativas – e a sua real superação.

Nas Ciências Humanas, a resiliência foi abordada como sendo a capacidade humana de reconstrução positiva frente às adversidades. Diversas pesquisas utilizaram esse conceito para discutir temas como: a infância vivida em meio à pobreza e vulnerabilidade³; a situação de sobreviventes de ataques terroristas^{4,5}; as reações de vítimas de estupro e de catástrofes naturais etc. Dentre esses estudos, encontram-se aquelas correntes científicas que pensam a resiliência em termos de traços da personalidade individual ou de aspectos do meio ambiente, os quais funcionariam como uma espécie de filtro de proteção contra o impacto das adversidades⁶.

Numa outra direção, Luthar⁷ problematiza a ideia de resiliência como processo dinâmico de adaptação positiva em contexto de significativa adversidade. A autora questiona a validade científica do conceito, criticando a falta de consenso em relação à ideia de “adversidade” e de “adaptação positiva”, bem como às variações na mensuração dos fatores pesquisados, em geral analisados em termos quantitativos e através de categorias previamente dadas. Argumenta, ainda, que a presença de competências para se lidar com uma determinada situação não deve ser confundida com uma adaptação positiva, pois são diversos os domínios de adaptação: por exemplo, pode-se estar adaptado em uma determinada área, enquanto em outra, não; as adaptações também podem se modificar ao longo do tempo. Mas a crítica mais atroz parece ter inspiração antropológica, apontando para o fato de que os estudos sobre resiliência acima citados não consideram o ponto de vista dos sujeitos pesquisados (por exemplo, quais os significados e sentidos relacionados à adversidade e adaptação para eles); ou seja: os critérios são tomados de fora. Nesta crítica, Luthar chega a sugerir que tais estudos, ao invés de agregar valor à ciência, estariam mais a serviço de reforçar um modismo intelectual. Como forma de combate a isso, a autora propõe que haja mais consistência nas definições e terminologias e que se empreendam metodologias compreensivas, ao invés de explicativas, levando em consideração a natureza multideter-

minada do fenômeno, assim como o ponto de vista dos sujeitos pesquisados: sem esses cuidados, corre-se o risco de comprometer a produção de conhecimento por meio da adoção de padrões normativos e etnocêntricos, bem como de um viés ideológico subjacente às concepções de adaptação positiva e (des)ajustamento - conceitos cunhados em países ricos europeus.

Masten⁶ também critica o uso de métodos probabilísticos e estatísticos para se prever respostas humanas frente a adversidade. Afirma que a resiliência é “magia ordinária”, comum no desenvolvimento; nesse sentido, é uma espécie de “reconfiguração interna” ou reposicionamento subjetivo perante as situações de adversidade, consideradas como desafios inerentes às condições de vida, podendo vir de fontes internas, externas ou ambas.

Waller⁸ sugere o uso de métodos etnográficos para se compreender a especificidade dos recursos mobilizados por cada indivíduo ou grupo nos enfrentamentos das adversidades.

Assimakopoulos⁹ aborda a resiliência como “ponto de inflexão” a partir do qual o indivíduo passa de uma condição de vítima à condição de senhor da situação, de maneira que não se trata apenas de o sujeito lidar com a “situação difícil”, mas de se desenvolver a partir dela.

A RESILIÊNCIA COMO FENÔMENO EMINENTEMENTE HUMANO: COMO POTENCIALIZÁ-LA NO SÉCULO XXI?

A partir dessas considerações, fica claro que o conceito de resiliência herdado da física, ao ser aplicado às ciências humanas, em especial no campo da Psicologia, torna-se mais complexo e sofisticado, não sendo possível pensá-lo senão no interior de uma combinação específica de fatores que considera: as condições de risco e vulnerabilidade psicossocial, os dispositivos de apoio e enfrentamento das dificuldades reconhecidas, a mobilização de potenciais subjetivos e grupais ao longo do tempo, as especificidades culturais, as transformações subjetivas e objetivas em curso, entre outros. Dessa forma, a resiliência aparece como um fenômeno eminentemente humano: somente o ser humano pode modificar a si mesmo no curso da vida e dar sentido e valor ao que vive, transformando a realidade a partir disso.

E por falar em transformação da realidade, cabe lembrar que ela urge! Ora, habitamos um planeta com recursos finitos, que vêm sendo destruídos progressivamente. Na fase atual do capitalismo financeiro, percebemos contradições e desigualdades sociais tão gritantes que não há racionalidade capaz de justificar a fome de muitos coexistindo com a abundância na produção de alimentos; informação e tecnologia também vêm sendo produzidas como nunca antes na história, mas, junto com elas, proliferam a alienação, a apatia e a exclusão social. Violências espraiam-se de múltiplas formas: das explícitas às mascaradas e silenciosas; as relações humanas, em diversas esferas da vida social, vêm sendo progressivamente atravessadas por uma lógica comercial e consumista, que cada vez mais nos leva a tratar pessoas como se fossem coisas – úteis por um tempo, depois descartáveis. A dignidade humana vem sendo afrontada pelo aumento da vulnerabilidade social, precarização das condições de trabalho em diversos setores, perda de direitos conquistados, privatização crescente de bens e direitos públicos, criminalização de movimentos sociais etc.

O panorama é complexo e preocupante. Contudo, se de um lado as propagandas e discursos contemporâneos produzem submissão, alienação ou mesmo resignação entre os sujeitos, é fato que nosso mundo também pode acolher e promover o potencial criativo para enfrentamentos dessa realidade: ao ser humano é possível iniciar o novo e inventar outras formas de viver. Nesse sentido, a ideia de resiliência pode ser aproximada à de ação política, proposta pela filósofa Hannah Arendt.

Sem a ação, sem a capacidade de iniciar algo novo e assim articular o novo começo que entra no mundo com o nascimento de cada ser humano, a vida do homem, despendida entre o nascimento e a morte, estaria de fato irremediavelmente condenada. A própria duração da vida, seguindo em direção à morte, conduziria inevitavelmente toda coisa humana à ruína e à destruição. A ação, com todas as suas incertezas, é como um lembrete sempre presente de que os homens, embora tenham de morrer, não *nasceram* para morrer, mas para iniciar algo novo¹⁰.

Por fim, cabe atentar para o papel que a Psicologia tem na promoção de resiliências orientadas não apenas para as transformações subjetivas, mas também sociais. Não se trata, portanto, de adaptar os indivíduos à realidade

tal como está, mas de – reconhecendo as reais dificuldades e problemas – fomentar a reflexão, a sensibilidade e o potencial emancipatório dos sujeitos para que possamos construir alternativas para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

1. Yunes MAM. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicol Estudo*. 2003;8(n esp):75-84.
2. Jerusalinsky A. Gotinhas e comprimidos para crianças sem história. Uma psicopatologia pós-moderna para a infância. *Textura Rev Psicanálise*. 2005;5(5):4-11.
3. Barlash L. O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito [dissertação]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2005. 108 p. (Mestrado em Psicologia Social)
4. Hoffman B. The mind of the terrorist: perspectives from social psychology. *Psychiatric Annals*. 1999 Jun;29(6):337-40.
5. Coates S, Schechter D. Preschoolers's traumatic post 9/11: relational developmental perspectives. *Psychiatrics Clin North America*. 2004 Sep;27(3):473-89.
6. Masten AS. Ordinary Magic: resilience process. *Am Psychologist Develop*. 2001 Mar;56(3):227-38.
7. Luthar SS, Cicchetti D, Becker B. The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Develop*. 2000;71(3):543-62.
8. Waller MA. Resilience in eco systemic context Evolution of the concept. *Am J Orthopsychiatry*. 2001 Jul;71(3):290-7.
9. Assimakopoulos PA. The pivotal moment: a qualitative investigation into resilience. *Sci Engin*. 2001 Oct;62(4-B):2043.
10. Arendt H. Labor, Work, Action. In: *The Portable Hannah Arendt*. New Zealand: Penguin Books; 2000. 576 p.